



em nome do bem

Roberto Círio Nogueira¹

Resumo

O artigo apresenta um estudo comparativo entre o episódio da guerra deflagrada pelo personagem Zé Bebelo, em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e os atentados cometidos pelo narrador-protagonista do conto "O cobrador", de Rubem Fonseca. Com relação ao primeiro, pretende-se demonstrar sua compreensão idealizada da modernidade, segundo a qual a redenção da condição miserável dos sertanejos só seria possível

através de uma revolução que impusesse a ordem republicana no sertão. Já com a análise de "O cobrador", tencionamos explicitar a dissimulação com a qual o narrador se descreve como quem luta por uma sociedade mais igualitária; objetivo que, à semelhança do ocorrido com Zé Bebelo, também não é alcançado. A frustração dos ideais de ambos os personagens articula-se, por sua vez, a uma imagem de desigualdade social, que aproxima os textos de ambos os autores, justificando a abordagem comparativa.

Palavras-chave:

Grande sertão: veredas, "Intestino grosso", "O cobrador", revolução, utopia, desigualdade social.

¹ Doutorando em Literatura Brasileira pela USP. E-mail: rcnogueira@usp.br

Abstract

Essay focused on the war started by Zé Bebelo in *Grande sertão: veredas*, whose cause is founded on an idealized comprehension of modernity. According to this conception, the redemption of the sertanejos' miserable condition would only be possible if a revolutionary action could supplant the jagunços' power through republican order. The reverse of this social-political view finds in Rubem Fonseca's short stories "Intestino grosso" and "O Cobrador" some examples of demystification of a utopian modernity and of a violent strategy of social inclusion in the universe of consumption. Such contraposition reiterates a perception of a future that is no longer how it used to be.

Keywords:

Grande sertão: veredas, "Intestino grosso", "O Cobrador", revolution, utopia, social inequality.

*Querer o bem com demais força,
de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo
o mal, por principiar.*

Guimarães Rosa

Introdução

Em "Intestino grosso", conto que encerra a coletânea *Feliz ano novo* (1975), Rubem Fonseca cria um *alter ego*, a personagem autora de um livro homônimo ao conto, com o qual "faz a apologia e a defesa dos temas sobre os quais empreendeu escrever"². É através da voz deste seu duplo que Fonseca declara: "Eu nada tenho a ver

com Guimarães Rosa, estou escrevendo sobre pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afixam o arame farpado. [...] Não dá mais para Diadorim"³.

Tal negação denuncia o desgaste de uma vasta tradição literária que, abarcando "os negrinhos do pastoreio, os guaranis, os sertões da vida"⁴, pretendia sintetizar, de maneira ufana ou crítica, mas em todo caso hegemônica, a identidade nacional. Como se fosse possível "falar em *cultura brasileira*, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir"⁵.

A reação de Rubem Fonseca às diversas convenções que, em estilos variados, visavam a estabelecer um conceito de literatura nacional, lastreado pela noção de identidade acima referida, se manifesta pela assimilação do espaço urbano em sua prosa, "não apenas como cenário ou ambiente, mas como condição para a própria criação literária"⁶. Espaço resultante de um processo de urbanização e industrialização que transformou grande parte das antigas populações rurais em uma massa de excluídos, cujas tradições culturais continuam a se desmanchar no ar.

Essa ruptura com o conceito uno de literatura nacional apresenta ainda uma visão distópica da modernidade, incongruente, por exemplo, à idealização elaborada por Zé Bebelo em *Grande sertão: veredas* – do qual o autor de "Intestino grosso" poderia dizer o mesmo que disse em

2 Deonísio da Silva, *O caso Rubem Fonseca*, p. 30.

3 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 468.

4 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 461.

5 Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, p. 308.

6 Alexandre Faria, *Literatura de subtração*, s/pág.

relação a Diadorim. Sob a ótica bebeliana, a modernidade é considerada um período histórico de inigualável potencial de promoção da cidadania. Modernizar o sertão equivaleria, segundo a personagem, a racionalizar a vida social mediante o desenvolvimento industrial e a difusão do conhecimento institucionalizado.

Para realizar tal projeto, Bebelo deflagra uma guerra contra o sistema jagunço que assola o norte de Minas Gerais, o sul da Bahia e o oeste de Goiás. De acordo com a ideologia por ele apregoada, em comícios políticos na parceria de Riobaldo, a redenção do estado miserável em que os sertanejos se encontram só seria possível se uma ação revolucionária suplantasse o poder dos chefes jagunços pela ordem republicana. Seu objetivo é, portanto, utópico, pois como diria Boaventura Santos,

a utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar.⁷

Ao justificar-se “dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas”⁸, Zé Bebelo demonstra como, “por um lado, [a utopia] é uma chamada de atenção para o que não existe como (contra)parte integrante,

mas silenciada, do que existe. Pertence à época pelo modo como se aparta dela”⁹.

Em contrapartida, na perspectiva do *alter ego* de Rubem Fonseca, encontramos um discurso sobre a modernização marcadamente negativo, em que se reconhece um

opressivo e decadente processo de urbanização implementado durante a ditadura militar; opressivo por ter-se implantado através da força militar do autoritarismo imposto à nação, e decadente porque iníquo, orientado por relações de interesse entre o poder e a classe dominante e se torna uma forma de controle.¹⁰

Ao contrário das expectativas bebelianas, tal processo acentuou as desigualdades sócio-econômicas que se arrastam pela História do Brasil desde o período colonial. E enquanto as possibilidades de conciliação dos antagonismos sociais parecem se tornar cada vez mais ilusórias, alguns dos marginalizados por este processo decidem não se resignar, reagindo violentamente. O narrador-protagonista do conto “O cobrador” é um caso emblemático e serve como um interessante contraponto a Zé Bebelo, devido à dissimulação com a qual justifica sua reação violenta à exclusão do consumismo capitalista, fingindo lutar por um mundo melhor. Zé Bebelo e o Cobrador são, portanto, os objetos de estudo centrais deste trabalho, que passa então a examiná-los mais detidamente, a partir do primeiro.

7 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 323.

8 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*, p. 119.

9 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 323.

10 Alexandre Graça Faria, *O Brasil presente*, p. 31.

O mal que há no Bem

Ao deflagrar a guerra contra o sistema jagunço e os costumes sertanejos pautados pela moral da honra e da vingança, Zé Bebelo pretende instaurar no sertão uma sociabilidade regida pelos paradigmas positivistas da ordem e do progresso. Para levar a cabo seu projeto, ele conta de início com os préstimos retóricos de Riobaldo, que deveriam legitimar seus atos violentos. Tem a seu lado então alguém que conhece empiricamente a crueldade dos hábitos jagunços e que, apesar de posteriormente lutar a favor deles, não se exime da análise crítica de um comportamento tão destrutivo:

A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça, barrear com estrumes humanos as paredes da casa do juiz-de-direito, escramuçar o promotor amontado à força numa má égua, de cara para trás, com lata amarrada na cauda, e ainda a cambada dando morras e aí soltando os foguetes! Até não arrombavam pipas de cachaça diante de igreja, ou isso de se expor padre sacerdote nu no olho da rua, e ofender as donzelas e as famílias, gozar senhoras casadas, por muitos homens, o marido obrigado a ver?¹¹

Tal argumento serve muito bem aos propósitos de Zé Bebelo, cujo discurso, segundo Roncari

seguia algumas orientações: no âmbito político, propunha o combate à ação violenta e

arbitrária do mandonismo local e à afirmação dos poderes do Estado; no econômico-administrativo, defendia a extensão da ação governamental para o interior, com a devida promoção do progresso material; e no ideológico-cultural, pregava a afirmação de uma identidade nacional, de modo a superpô-la às solidariedades locais.¹²

O sistema de poder desse mandonismo local, cujo conceito historiográfico pertinente é o de coronelismo, é assim descrito pela personagem Selorico Mendes, em tom saudosista:

—“Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! [...]”¹³

Com base na passagem acima, Roncari distingue os sistemas em conflito: a velha ordem jagunça e a moderna lei republicana, cujo choque produziu um

aparente absurdo ou paradoxo: “cidadão do sertão”. Um termo contraria o outro, pois um remete à ordem e outro à desordem, um à igualdade e o outro à desigualdade, um às relações horizontais e o outro às verticais, um

11 João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 118.

12 Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa*, p. 281-2.

13 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*, p. 100.

ao espaço civil e às relações urbanas e o outro ao espaço guerreiro e às relações agressivas. E o absurdo continuava na frase seguinte, quando ele associava a política, “Tudo política”, com a ordem dos grandes chefes, “potentes chefias”, “fazendeiro graúdo se reina mandador”, sendo que “cada lugar é só de um grande senhor”, o que reduzia a nada tanto a cidadania quanto a vida política. O império aí era o da violência e das relações guerreiras. A sua nostalgia, portanto, era a de um tempo em que os poderes dos senhores locais não tinham sido ainda questionados nem compartilhados com os poderes oficiais, particularmente com os dos presidentes dos Estados, e limitados pelas mudanças na legislação eleitoral da República Velha. Era a nostalgia idealizante do patriarcalismo do tempo do Império, quando o poder privado não sofria as restrições republicanas...¹⁴

Em luta contra as desigualdades político-sociais da ordem patriarcal, Zé Bebelo pretende instituir um modelo de Estado que aproxime o sertão do ideal moderno de civilização ocidental. Seu método, no entanto, é recriminado pelo narrador da história, que põe em xeque o caráter justo e igualitário do novo regime; afinal, Bebelo utilizava meios muito próximos dos quais combatia para poder civilizar aquele território. Mas sob a sua ótica, se a república é um sistema mais justo e igualitário que o coronelismo, é legítimo que seja imposta com o uso da violência.

A percepção da consequência destrutiva dos atos pacificadores de Zé Bebelo faz com que Riobaldo deserte de seu bando: “Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade”¹⁵. O protagonista passa então para o lado dos jagunços, mas permanece num incessante conflito interno, incapaz de harmonizar seu comportamento e seu posicionamento na guerra aos ideais humanistas com os quais está de acordo – como se nota no fragmento abaixo:

eu comparava com Zé Bebelo aquele homem [Hermógenes]. Nessa hora, eu gostava de Zé Bebelo, quase como um filho deve de gostar do pai. As tantas coisas me tonteavam: eu em claro. De repente, eu via que estava desejando que Zé Bebelo vencesse, porque era ele quem estava com a razão. Zé Bebelo devia de vir, forte viesse: liquidar mesmo, a rás, com o inferno da jagunçada! E eu estava ali, cumprindo meu ajuste, por fora, com todo rigor; mas estava tudo traindo, traidor, no cabo do meu coração.

Tal comparação é a justa medida do conflito ideológico deste narrador. Conforme Roncari, Hermógenes e Zé Bebelo representam respectivamente o mal absoluto e o bem possível. Quanto a “Riobaldo, que agora lutava no bando do Hermógenes contra Zé Bebelo, reconhecia mais valor e medida no inimigo, como se a sua força

14 Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa*, p. 73-74.

15 João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 123.

guerreira tivesse algum [...] sentido de justiça¹⁶. A contradição constitutiva da personagem pode ser interpretada como metáfora da impossibilidade de uma síntese conciliadora do conflito em questão, pois o projeto de modernidade defendido por Bebelo não consegue se concretizar superando dialeticamente a sua antítese, cuja personificação encontra em Hermógenes “a própria encarnação da desmedida [...] do poder de violência e da força descontrolada da natureza¹⁷”.

Esse “embate entre civilização e barbárie, ordem e desordem, instituição e costume, urbanidade e violência, moderno e arcaico” é considerado por Luiz Roncari “o verdadeiro tema geral¹⁸ de *Grande sertão: veredas*. Consideramos que tal embate não se resolve ao término da narrativa pelo fato de, mesmo depois de terminada a guerra jagunça, o sertão não deixar de ser um lugar “onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade¹⁹. A guerra liderada por Bebelo, justa sob o olhar de Riobaldo, não atingiu seus propósitos revolucionários de promoção da cidadania e das liberdades democráticas. Ao fim e ao cabo, limitou-se a dar continuidade à belicosidade sangrenta que, longe de se restringir à área dominada pela jagunçagem, manifesta-se também onde o Estado se faz presente institucionalmente.

Uma imagem de Brasil permanece

Tal belicosidade não se encontra reprimida na cidade moderna evocada pela prosa fonsequiana. A presença desse elemento em obras de escritores tão antagônicos

quanto Rosa e Fonseca revela a permanência de uma imagem do Brasil que, em última instância, permite-nos dizer que “o futuro já não é o que era” – usando uma expressão de autoria anônima, citada por Boaventura Santos, segundo o qual

o futuro prometido pela modernidade não tem, de facto, futuro. Descrê dele, vencida pelos desafios, a maioria dos povos da periferia do sistema mundial, porque em nome dele negligenciaram ou recusaram outros futuros, quicá menos brilhantes e mais próximos do seu passado, mas que ao menos asseguravam a subsistência comunitária e uma relação equilibrada com a natureza, que agora se lhes deparam tão precárias.²⁰

A citação nos remete à promessa de Zé Bebelo de civilizar o sertão. Contudo, como esclarece Willi Bolle, “os discursos de Zé Bebelo são a alegoria de um Brasil retórico, eternamente projetado para o futuro.”²¹

Ao analisar comparativamente *Grande sertão: veredas* e *Os sertões*, Bolle argumenta que Rosa

recupera o desenho desse Brasil recalcado, que Euclides e os adeptos do desenvolvimentismo, com sua mítica fé no progresso, fazem de conta que se apagará – quando as evidências mostram o contrário. Por ironia da história, a fisionomia de Canudos, a despeito de ela ter tido suas 5.200 casas totalmente arrasadas, iria

16 Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa*, p. 287.

17 Idem, *Ibidem*, p. 286.

18 Idem, *Ibidem*, p. 263.

19 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*, p. 5.

20 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 322.

21 Willi Bolle, In: Angélica Madeira e Mariza Veloso (org.). *Descobertas do Brasil*, p. 189.

se reproduzir [...] no traçado dos “polipeiros humanos” que são as centenas ou milhares de favelas do Brasil dos dias atuais.²²

Sua leitura apresenta uma constatação próxima à de Boaventura Santos, segundo a qual “apesar de algumas ideias utópicas serem eventualmente realizadas, não é da natureza da utopia ser realizada. Pelo contrário, a utopia é a metáfora de uma hiperçarência formulada ao nível a que não pode ser satisfeita”²³. No caso em tela, conforme a comparação feita por Bolle entre Canudos e as favelas das grandes cidades contemporâneas, a hiperçarência que Zé Bebelo almejava satisfazer continua a se perpetuar no Brasil. Do sertão rosiano às ruas da metrópole fonsequiana, ou desde a República Velha até os dias atuais, a hiperçarência que atinge a maior parte da população, privando-a tanto dos bens de consumo quanto dos direitos civis, nunca foi satisfatoriamente sanada.

Um conto emblemático a esse respeito é “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, publicado em 1992 no volume *Romance negro e outras histórias*, do qual retiramos a seguinte passagem:

Ana Paula pôde armar de dia o pequeno barraco de papelão em que vive com o marido e a filha sob a marquise do Banco Mercantil do Brasil. A tábua que serve de parede, de um metro e meio de altura, o lado mais alto do barraco, foi tirada de uma construção abandonada do metrô. Nos dias úteis o barraco fica desarmado, as grandes folhas de papelão e a tábua tirada do buraco

do metrô são encostadas na parede na hora do expediente, e somente à noite o barraco de Marcelo, e também os barracos de papelão da família Gonçalves são reconstruídos para que Marcelo, Ana Paula e Marcelinha e os doze membros da família entrem neles para dormir. Mas hoje é sábado, no sábado e no domingo não há expediente no Banco Mercantil do Brasil, e o barraco de Marcelo e Ana Paula, uma caixa de papelão usada como embalagem de uma geladeira grande, não foi desarmado, e Ana Paula goza desse conforto.²⁴

O excerto evoca uma paisagem comum às metrópoles atuais, reiterando a constatação de que a utopia do progresso técnico, como meio de superação daquele Brasil recalcado, foi desmitificada pela história. Nas palavras de Alexandre Faria: “Essas cidades distanciaram-se de seu caráter original: de moderno espaço destinado ao convívio harmônico com o outro, ao encontro e à troca, tornaram-se sepulcro da própria utopia, palco de distopias a que o homem contemporâneo busca se ajustar”. Referindo-se, neste caso, à distopia como “negação de qualquer possibilidade utópica”, o crítico recorre à etimologia das palavras *cidade* e *urbe* para demonstrar o seguinte paradoxo:

Através da palavra *cidade*, definimos indistintamente tanto o espaço territorial urbanamente constituído, em oposição ao campo, quanto o espaço social demarcado pela participação civil dos habitantes. Daí, temos em latim, respectivamente, *urbs* e *civitas*.

²² Idem, *Ibidem*, p. 175.

²³ Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 324.

²⁴ Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 611.

A urbe contemporânea, finalmente, é palco da transfiguração de ideais civis coletivos. A cidade (*civitas*) agoniza e morre na urbe.²⁵

Ao invés de preencher a pobreza, democratizando o bem-estar social, a industrialização e a urbanização perpetuaram (se não ampliaram) as desigualdades sócio-econômicas do país. Àqueles que foram marginalizados por este processo não restam muitas alternativas além de uma resignação conformista, como no caso da família Gonçalves, ou de uma reação violenta, como é o caso do Cobrador, que será examinado a seguir.

Um falso revolucionário

O protagonista do conto “O cobrador” (publicado em 1979, no livro homônimo) considera-se lesado pela sociedade: “está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo”²⁶. A listagem dessa carência material e afetiva, com pequenas variações dos itens que a compõem, é repetida algumas vezes ao longo da narrativa, expondo enfaticamente as privações que o revoltam. O conto começa com sua ida ao dentista para extrair um dente com a raiz apodrecida. A cirurgia custar-lhe-ia quatrocentos cruzeiros, caso não reagisse violentamente, dando início a uma série de atentados com os quais acredita cobrar os bens materiais e afetivos cuja posse não usufrui.

Suas ações não configuram, certamente, um ato de vingança, na acepção tradicional do termo, pois não se trata de reparar dano algum. O personagem não luta

para restaurar a ordem convencional da sociedade, mesmo porque tal ordem sequer foi alterada. Tampouco se trata de uma ação revolucionária, com o objetivo de transformar as estruturas políticas, econômicas e sociais em vigência. O Cobrador é um entre tantos outros personagens fonsiquianos que não pretendem “mudar o mundo, mas serem incluídos no universo do consumo e como o consumo é uma atividade individual, a luta que se desencadeia não é coletiva é de indivíduo contra indivíduo” – como bem observou Vera Figueiredo²⁷.

Assim, seus alvos individuais são selecionados por uma classificação maniqueísta da sociedade, dividida entre aqueles com os quais se identifica e os outros que executa. São poupados de seus ataques pessoas como “o crioulo [que] tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros”²⁸. Sob sua ótica, o problema dentário é uma marca de identificação na penúria em que vive. Por outro lado, entre suas vítimas encontram-se “dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira”²⁹. A personagem estabelece, deste modo, relações de identidade e alteridade com base na segregação sócio-econômica que a impele à violência.

Esta sua reação a uma forma de violência primária, que é a da exclusão, adquire em seu discurso um sentido falsamente revolucionário. Em suas palavras:

Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era

25 Alexandre Faria, *Literatura de subtração*, s/pág.

26 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 492.

27 Vera Lúcia Follain de Figueiredo, *Os crimes do texto*, p. 43.

28 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 502.

29 Idem, *ibidem*, p. 491.

o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei [...]. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim poderemos mudar o mundo.³⁰

O Cobrador não detinha conhecimento sistematizado sobre luta de classes e, na verdade, suas execuções não resultariam numa transformação infra-estrutural da sociedade. Entretanto, estritamente sob o seu ponto de vista, o Cobrador está convicto de que seus homicídios em série contribuirão para tornar o mundo mais igualitário, tal como pensava Zé Bebelo a propósito de sua guerra contra a ordem jagunça.

Uma diferença significativa entre ambos, no entanto, é que Bebelo agrega à sua causa uma coletividade que apoia a luta contra o jaguncismo em nome da ordem e do progresso; o que permite entendê-lo como o líder de um movimento revolucionário, que é sustentado pelo claro objetivo de transformar radicalmente a sociedade sertaneja e as estruturas de poder que a regem. Já o discurso do Cobrador não apresenta tal caráter. Sua reação é individual, contando apenas com a cumplicidade da companheira Ana. Além disso, seu projeto consiste exclusivamente na eliminação de seus inimigos, o que não atinge a infra-estrutura do sistema capitalista, solidamente implantado ao redor do globo. Inclusive a mudança de escala, que modifica estrategicamente seu acerto de contas com o sistema, aponta tão só para uma destruição incessante:

Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos

convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico inconseqüente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo.³¹

A narrativa é, então, concluída sem deixar indícios de que isso venha a resultar em algum tipo de transformação social. As palavras finais do Cobrador – “Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro”³² – indicam, com o verbo no futuro, que a ostentação do luxo de uns e a reação violenta de outros não irá parar por aí mas, sim, continuará a se expandir.

Diante deste morticínio anunciado cumpre ressaltar a seguinte provocação do narrador-protagonista: “Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo”³³. Relembrando, em sentido inverso, Boaventura Santos: “a utopia é a metáfora de uma hipercarência formulada ao nível a que não pode ser satisfeita”³⁴. Trata-se, neste caso, da universalização do consumo de bens materiais, tanto essenciais quanto supérfluos, os quais formam um conjunto em que até mesmo relações afetivas estão inclusas: “Estão me devendo [...] buceta”³⁵; “Tão me devendo [...] namorada [e] respeito”³⁶; “Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume.”³⁷ A justaposição destas derivações do mesmo item a outros tipos de

30 Idem, *ibidem*, p. 504.

31 Idem, *ibidem*, p. 504.

32 Idem, *ibidem*, p. 504.

33 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 503.

34 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 323.

35 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 492.

36 Idem, *ibidem*, p. 493.

37 Idem, *ibidem*, p. 500.

produtos formula um indicativo do mercantilismo do sistema que sujeita toda a dimensão humana à mera condição de mercadoria. Daí a miséria sócio-econômica enfrentada pelo Cobrador ter como corolário a carência afetiva, conforme se evidencia pela sua recepção a um comercial de uísque veiculado pela televisão.

O comercial difunde um estilo de vida restrito a uma pequena parcela da sociedade, da qual o Cobrador é excluído. O contraste entre a realidade em que vive e o que assiste na televisão alimenta o seu ódio que, ao final do conto, é convertido para a ilusão de estender a seus pares, os "fodidos", a possibilidade de se comportar tal como o personagem da propaganda: "Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros"³⁸. A mulher surge em cena como mais um item advindo do *status* social do garoto-propaganda, ou seja, é uma mercadoria da qual o telespectador de baixa renda não goza da posse, assim como o uísque e os dentes sadios.

No entanto, consoante advertência de Boaventura Santos, não se pode efetivar satisfatoriamente a universalização desse estilo de vida. Afinal, "não é da natureza da utopia ser realizada. [Portanto, o] que é importante nela não é o que diz sobre o futuro, mas a arqueologia virtual do presente que a torna possível"³⁹. Logo, a utopia formulada no imaginário do Cobrador, revela emblematicamente a configuração contemporânea dessa sociedade cujo valor hegemônico assenta-se num consumismo tão profundamente

arraigado que influi em todas as dimensões das relações humanas.

Sem tomar conhecimento do problema, o personagem insiste em sua cobrança, na tentativa de preencher as carências de sua vida. Assim, congênicas ao extermínio de seus inimigos, as alternativas de satisfação da carência afetiva apresentam as seguintes possibilidades: prostituir-se, como fica implícito no episódio que se passa "na casa de uma mulher que [o] apanhou na rua"⁴⁰; ou então invadir um apartamento e estuprar a moradora, atitude justificada porque "estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta"⁴¹, como diz ele.

Considerando-se esse comportamento como a etapa incipiente do seu projeto pseudorrevolucionário, percebe-se pelo cinismo de seu discurso – mais explicitamente que nas promessas de Zé Bebelo – o lado mau que há no bem; ou, como diria Michel Maffesoli,

que, além ou aquém das petições de princípio dos protagonistas do *status quo*, além ou aquém das boas intenções reformistas ou revolucionárias, das declarações políticas ou morais determinando os princípios do bem, sempre será necessário compor, negociar, "agüentar" as duras realidades que, de sua parte, têm uma relação apenas distante com o bem. [...] Pois este mal negado, este mal dialeticamente superável não pode deixar de ressurgir de outra forma, descontrolado, sorratamente, de maneira perversa, invertida.⁴²

38 Idem, *ibidem*, p. 493.

39 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 324.

40 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 494.

41 Idem, *ibidem*, p. 498.

42 Michel Maffesoli, *A parte do diabo*, p. 42.

Conclusão

Retornando à análise da guerra jagunça, observamos que, sob o olhar de Zé Bebelo, o sistema jagunço seria o mal a ser dialeticamente superado pelo positivismo da ordem e do progresso no sertão. Entretanto, o líder guerreiro não se dá conta do paradoxo inerente à sua causa pois, em nome do bem, se iguala àquilo que ele próprio combatia. Tanto que “até um apelido em si se apôs: *Zé Bebelo*; causa que, de nome, em verdade era José Rebelo Adro Antunes”⁴³. O objetivo disto era causar uma impressão de equivalência guerreira ao “único homem-jagunço que [ele] podia acatar”⁴⁴, o qual estaria supostamente acima dele em termos de hierarquia militar: Joãozinho Bem-Bem – personagem recorrente no universo rosiano, morto em duelo com Augusto Matraga⁴⁵. Esta cognominação reflete aquilo que escapa à percepção de Zé Bebelo: o fato de que a violência que tanto pretendia recalcar consiste exata e contraditoriamente em seu instrumento repressivo, configurando assim uma espécie de sistema de retroalimentação no qual as forças de ação e repressão mantêm a violência constante, “reconhecendo como equivalentes essas duas entidades, bem e mal”⁴⁶, respectivamente representadas por Zé Bebelo e Joãozinho Bem-Bem. Há de se notar como a própria construção do segundo personagem é um indicativo desta ambiguidade: um dos jagunços mais temidos do sertão carrega em si o nome do Bem e, ainda por cima, duplicado. Esta duplicação, curiosamente, é composta por hífen, sinal gráfico de subtração em termos aritméticos. Sob este viés, a multiplicação do

significante parece subtrair por inteiro o seu significado, interpretando-se tal cognome através da seguinte equação: Bem – Bem = 0. Toma-se assim este jagunço como o símbolo por excelência da anulação absoluta do Bem, filiando-se ao “que poderíamos chamar de paradigma do Hades [...] que tem a ver com o fim da vida, mas é também um lugar ou uma entidade que se manifesta no próprio decurso da existência”⁴⁷. Mesmo sem se dar conta disto, sem percebê-la nitidamente, Zé Bebelo também encarna esta entidade, como fica claro pela cognominação que o torna familiar a Joãozinho Bem-Bem.

Segundo esta linha de raciocínio, o Cobrador pode ser considerado um híbrido dessas duas personagens, pois seu comportamento, dentro dos parâmetros da cultura ocidental, abriga concomitantemente a anulação total do Bem e a solidariedade com que trata a incapacitada Dona Clotilde, proprietária do sobrado onde mora. Demonstra-se também misericordioso com uma cliente, poupando-a de morte por esganção porque ela está conformada com a sua condição marginalizada. Todavia, dois episódios adiante, estupra uma mulher ameaçando-a de morte. A ambiguidade demonstra-se assim algo constante, inerente à personagem. Por mais que ao longo da narrativa predomine o seu lado maléfico, em razão dos diversos atentados que o definem como o Cobrador, todo o seu potencial destrutivo, de acordo com a sua percepção dos fatos, é algo canalizado para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Assim, o Cobrador revela com muito mais nitidez seu lado Joãozinho Bem-Bem, que Zé Bebelo, em nome da ordem e do progresso, esforçou-se tanto para recalcar;

43 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*, p. 118.

44 *Idem*, *ibidem*, p. 118.

45 *Idem*, *Sagarana*, p. 369.

46 Michel Maffesoli, *A parte do diabo*, p. 41.

47 *Idem*, *ibidem*, p. 41.

ou melhor, o lado que este não reconhece como sendo parte integrante e intransferível da forma de sociabilidade que almejou estender até o sertão. Talvez porque não soubesse que o progresso ao qual se referia em seus discursos se consolidaria segundo as regras do capitalismo e enquanto tal, “a modernidade é um projeto incompleto. A ciência e o progresso, a liberdade e a igualdade, a racionalidade e a autonomia só podem ser plenamente cumpridas para além do capitalismo, e todo o projeto político”⁴⁸ de Zé Bebelo, no caso estudado, não tencionava suplantar tal sistema.

Tanto que a genealogia de uma das vítimas do Cobrador é familiar àquela dos poderosos latifundiários que combateu durante a guerra: “A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-arara, e depois vêm para o Rio”⁴⁹ tal qual um personagem do conto “Mandrake” (também publicado em *O cobrador*), chamado Cavalcante Méier: “fazendeiro em São Paulo e no Norte, exportador de café, açúcar e soja, suplente de senador por Alagoas, um homem rico [com] serviços prestados à revolução”⁵⁰. Onde se lê “revolução” – leia-se golpe militar de 1964. Pelo visto, o poder oligárquico que Zé Bebelo falhou em extinguir adaptou-se à modernidade, disseminando-se por todo o país com uma eficiência muito maior do que a igualdade prometida aos sertanejos; revelando a exclusão social como uma constante histórica que perpassa diferentes sistemas políticos no Brasil e que está alojada no âmago das manifestações de violência impulsionadas por um anseio de superação da pobreza, seja ele revolucionário ou não.

Em direções contrárias, Rosa e Fonseca estruturam suas obras sobre paradigmas claramente distintos, que os separam entre a elaboração da brasilidade e a evocação de uma identidade urbana. No entanto, há uma área nebulosa nesta fronteira na qual se confundem alguns componentes de tais paradigmas. Sob as divergências ideológicas destes autores, seus textos revelam certas semelhanças no que tange, em linhas gerais, à desigualdade sócio-econômica brasileira e à percepção de que a modernização técnica foi executada neste país à revelia de valores democráticos e republicanos e à custa de uma constante brutalidade.

Agradecimentos

A Gabriela Ruggiero Nor, que revisou o *abstract* deste trabalho.

48 Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice*, p. 23.

49 Rubem Fonseca, *Contos reunidos*, p. 499.

50 Idem, *ibidem*, p. 525.

Referências bibliográficas:

- BOLLE, Willi. grandsertão.br ou: a invenção do Brasil. In: MADEIRA, Angélica e VELOSO, Mariza (org.). *Descobertas do Brasil*. Brasília: Ed. UnB. 2000, p.165-240.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FARIA, Alexandre. *Literatura de subtração*. Rio de Janeiro: Rio Virtual Papiro Editora, 1999.
- _____. *O Brasil presente: Construções-ruínas do imaginário nacional contemporâneo*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Os crimes do texto – Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Coleção Humanitas.
- FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. Org. Boris Schnaiderman. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.
- RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: O amor e o poder*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Acompanhado do catálogo e DVD da Exposição *Grande sertão: veredas*, dirigida por Bia Lessa.
- _____. *Sagarana*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Deonísio da. *O caso Rubem Fonseca: violência e erotismo em Feliz Ano Novo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1983.